

A 1.^a Internacional, na história do movimento operário europeu

1. Com a Primeira Internacional¹ surge na cena histórica europeia algo de novo. É precisamente esse fenómeno que pretendemos caracterizar e localizar nos seus objectivos, nos seus obstáculos, nas suas lutas internas e finalmente na definição duma linha política que perdurará até à actualidade.

Fazer a história da Primeira Internacional, quer dizer a análise do seu processo de desenvolvimento, seria ao mesmo tempo considerá-la em si-própria e na sua relação com o que se encontra na sua origem, conservação e fim, que se apresenta portanto primeiro como causa, mas que resulta também como efeito do movimento operário, nos diferentes países europeus, no começo da segunda metade do século XIX.

Mas a história em aparência autónoma do movimento operário não tem finalmente nenhum sentido senão em relação com a história do desenvolvimento do capitalismo. Esquece-se por vezes que a classe operária e a classe capitalista, enquanto a primeira não se emancipa, permanecem produtos do mesmo sistema de produção. Assim, a história da Primeira Internacional e a história dos movimentos operários dos vários países europeus, não se podem explicar ao nível dos seus próprios acontecimentos, que não são senão o efeito da história do desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Mas porque o que aqui nos ocupa é, apesar de tudo, a história da Primeira Internacional, precisamos de tomar algumas precauções metodológicas para não cair, por um lado, no erro monográfico que seria o de tomar a descrição dos acontecimentos por uma espécie de auto-explicação, e por outro, na própria monografia que se contentaria unicamente com descrever os acontecimentos mais ou menos importantes — a narrativa obedecendo à ordem cronológica.

Pelo contrário, o nosso projecto será — nesta breve nota — o de seguir no seu desenvolvimento temporal próprio, embora apenas em traços muito gerais, o movimento da tendência política e ideológica que se desenha na actividade dos diversos organismos agrupados sob o nome da A. I. T., através dos seus diferentes acontecimentos.

2. Três características principais determinam, segundo nós, esta tendência:

a) Pela primeira vez na história do movimento operário, a luta sindical é claramente definida como sendo indissociável da luta política;

¹ A Associação Internacional dos Trabalhadores, adiante designada por A. I. T.

b) Pela primeira vez uma forma de organização política proletária ultrapassa o espírito de «seita» e prepara o advento do «partido»;

c) A Primeira Internacional significa, enquanto facto de ideologia política, a passagem da ideia de «nação» para a consciência da «classe».

A história da Primeira Internacional é, pois, a do desenvolvimento, no seio do movimento operário europeu, duma nova forma de organização política e ideológica. Desenvolvimento que choca com os obstáculos próprios à juventude do movimento operário, ligada ao fraco grau de industrialização da maior parte dos países da Europa.

O facto de o capitalismo ter atingido um estágio mais avançado em Inglaterra e na França fundou «naturalmente» a solidariedade entre o movimento operário francês e o inglês. Assim, em seguida aos «meetings» a favor da Polónia, George Odger, chefe do «Trades Council» de Londres, redigiu uma mensagem de agradecimento aos trabalhadores de Paris por terem exprimido a sua solidariedade para com a causa polaca. Esta mensagem foi o ponto de partida da A. I. T.

Mas se por um lado existiam factores de aproximação, isso não impedia que os promotores do «meeting» de St. Martin's Hall em 1864 — acto inaugural da A. I. T. — diferissem pela sua origem, burguesa ou operária, pela sua orientação política, e sobretudo pelo grau de evolução dos diversos processos históricos nacionais nos quais se inscreviam os movimentos operários.

Do comité provisório encarregado de redigir os estatutos, não faziam parte somente ingleses e franceses (respectivamente 21 e 9), mas também alemães, italianos, polacos e suíços. Talvez seja essa a razão que levou Engels a afirmar que Marx foi o único entre os participantes no «meeting» que compreendeu nitidamente o que se passava e o que deveria ser fundado.

Marx teve, com efeito, uma acção política determinante no seio da Primeira Internacional. Sobretudo através do conselho geral londrino, já que ele não participou directamente na maioria dos congressos, mas somente nas assembleias de Londres e de Haia, que foi o último congresso de A. I. T. Marx tomou uma parte decisiva na redacção dos estatutos e redigiu a mensagem inaugural, ao mesmo tempo que terminava o I volume do *Das Kapital* que apareceu em Hamburgo em Setembro de 1867 e que trouxe uma base teórica fundamental para o futuro do movimento operário, para o processo histórico iniciado com a Primeira Internacional, ou mais exactamente para os diferentes processos de desenvolvimento que têm por base a implantação específica do movimento operário nos diversos países da Europa.

3. Esta implantação compreende pelo menos três formas:

a) Uma forma *estática* — que é a dos efectivos reais de cada secção nacional da A. I. T. (é preciso notar que a composição social destes efectivos era heterogénea e que o elemento operário nem sempre era dominante). Esta forma de implantação não é a mais importante. Para citar o caso da França, existiriam no conjunto do território não mais de dois mil internacionalistas antes da Comuna de Paris... e apenas menos duma centena depois da Comuna:

b) Uma forma *dinâmica e irradiante*, ligada ao facto de as organizações operárias existentes, com a sua minoria de aderentes, poderem desencaixar e enquadrar movimentos de massa;

c) A *irradiação ideológica* das ideias da Internacional, cujo poder ultrapassou também de longe o número dos efectivos das secções nacionais. Foi nos períodos da crise que a irradiação ideológica se mostrou maior.

Com efeito, durante o movimento geral de greve de 1867, a influência da Primeira Internacional no movimento operário conheceu um desenvolvimento que atingiu o seu máximo nos anos de 1868-70, portanto nos anos que precederam a Comuna de Paris.

Mas o que é irradiado é o efeito das lutas ideológicas que se desenvolvem no seio do conselho geral e dos congressos da A. I. T. e que reflectem as contradições que existem no movimento operário europeu, devido ao facto da desigualdade do desenvolvimento socio-económico dos diferentes países.

Estas lutas ideológicas opõem a tendência marxista ao reformismo dos dirigentes ingleses das «trade-unions», ao radicalismo burguês de Mazzini, às utopias pequeno-burguesas e contra-revolucionárias dos proudhonianos, ao aventureirismo dos blanquistas, à fraseologia e ao anarquismo de Bakoune, ao reformismo dos lassalinos².

4. Para ser correcta, a análise da Primeira Internacional deve ser dialéctica. Deve ter em conta, por um lado, que a Primeira Internacional é, em cada país, o elo mais importante numa cadeia — o movimento operário nacional —, e por outro lado, que ela é em si e em relação aos diferentes países a cadeia que une os diferentes elos, quer dizer os diferentes movimentos operários. Esta cadeia descobre-se nos debates que se sucedem nos vários congressos.

O primeiro realizou-se em Genebra, em 1866, e teve principalmente por objecto o sindicalismo. A importância da luta sindical para a classe operária é nitidamente afirmada na resolução do conselho geral: «O único poder social do lado dos operários é a sua massa [...] os sindicatos nasceram das tentativas espontâneas dos operários para obter condições de trabalho contratuais, elevando-os acima da condição de simples escravos [...] esta actividade dos sindicatos não é somente legítima, ela é necessária [...] É preciso generalizá-la, criando sindicatos em todos os países [...] Os sindicatos sem terem consciência disso, tornaram-se os centros de organização da classe operária [...] [se] são indispensáveis para a guerra de escaramuças quotidianas entre o capital e o trabalho, são ainda muito mais importantes enquanto aparelhos organizados para acelerar a abolição do próprio sistema do salariado».

A importância da luta económica conduzida contra o patronato havia sido já defendida por Marx em Junho de 1865 no seu relatório intitulado *Salair, prix et profit*, apresentado perante os seus colegas do conselho geral.

O terceiro congresso marca um outro momento importante no desenvolvimento da Primeira Internacional. Foi com efeito em Bruxelas, em 1868, que a tendência proudhoniana conheceu uma derrota irremediável no momento em que o congresso se pronunciou a favor da propriedade colectiva dos meios de produção. Simultaneamente, o Congresso de Bruxelas

² Vd. Georges Gogniot, *L'Internationale Communiste*, Paris, Editions Sociales.

adoptou uma resolução recomendando a todos os trabalhadores a leitura e a tradução do *Das Kapital*, «o mais belo discurso científico a favor da libertação do proletariado».

O congresso seguinte em Basileia (1869) foi dominado por três factos importantes:

a) Enquanto nos congressos precedentes a eficácia das greves era negada pelos proudhonianos e a utilidade dos sindicatos contestada pelos lassalianos, desde este congresso a necessidade duma organização de classe capaz de travar a luta económica passa a ser universalmente reconhecida. O movimento sindical tomou, para o fim dos anos 60, um desenvolvimento enorme na Alemanha e em França, ultrapassando o quadro estreito das concepções «trade-unionistas», próprias às sociedades inglesas.

b) O congresso decide reforçar os poderes do conselho geral;

c) O quarto congresso conhece a primeira confrontação entre Marx e Bakounine, que tinha conseguido associar a sua organização política, a Aliança Internacional da Democracia Socialista, à Primeira Internacional. À tese idealista de Bakounine a favor da supressão da herança, Marx opõe a tese da colectivização. Marx demonstrou que o direito de herança era uma consequência, um efeito jurídico, da organização económica da sociedade baseada sobre a propriedade privada dos meios de produção. Não era portanto o efeito, mas a causa que era preciso combater. O conflito ideológico entre K. Marx e M. Bakounine estava doravante aberto, e só terminaria no seio da Primeira Internacional pela expulsão de Bakounine no congresso seguinte, em Haia (1872).

A luta contra o bakouninismo, como a luta contra o proudhonismo, tinha um mesmo objectivo: o combate da ideologia pequeno-burguesa, que tomava, segundo o historiador soviético Mikhailov, quer a forma do proudhonismo — reflexo do estado de espírito do pequeno proprietário conservador, quando ainda não perdeu a esperança de salvação por meio do auxílio mútuo e do crédito barato —, quer a forma do bakouninismo — reflexo do desespero desse mesmo pequeno proprietário, quando não acredita mais na possibilidade de restabelecer a propriedade de antemão perdida e que se deixa, por essa razão, influenciar por frases pseudo-revolucionárias.

Na medida em que o proudhonismo se encontrava batido pelos próprios factos — como no caso do princípio do direito à greve, que Proudhon comparava ao direito ao incesto ou ao adultério e que no entanto se impunha cada vez mais, pelo próprio facto do desenvolvimento do movimento operário, como um meio de luta necessário à emancipação da classe operária —, é finalmente o bakouninismo que, desenvolvendo uma concepção sectária da luta política que confina os trabalhadores num «esplêndido» isolamento, oferece a ex-proudhonianos um refúgio onde eles encontram — um pouco modificado pelos acontecimentos — um modo de pensamento que lhes é familiar. Trata-se afinal duma nova forma de abstenção política, mascarada por uma fraseologia de combate. Muitos dos trabalhadores, acrescenta o historiador Moissonier, seguem Bakounine «sem serem bakounianos, porque obedecem a velhos reflexos de pensamento cuja origem é proudhoniana».

5. Os anos de 1867-68-69 são anos de greve durante os quais o movimento operário conhece em todo o continente europeu um desenvolvimento sem precedentes. Pelo contrário, em Inglaterra o movimento operário entra

decisivamente na via legal do reformismo. O movimento operário inglês procura conseguir e vai de facto conseguindo conquistar, «act» após «act», direitos cívicos e garantias legais de que dispunham já as outras classes e camadas da população.

O operário inglês, na medida em que vai entrando na posse dos direitos de cidadão, deixa de se considerar um proletário. As «trade-unions» inglesas, depois de terem estado na origem da A. I. T., depois de terem recebido desta uma ajuda preciosa durante as greves, desviaram-se definitivamente da Internacional e da sua luta revolucionária.

A solidariedade entre a classe operária inglesa e a classe operária francesa, que presidira à fundação da A. I. T., já não existia no momento da Comuna de Paris, condenada pela maioria dos «trade-unionistas» ingleses, entre os quais dois membros do conselho geral, que exigiram a retirada da sua assinatura da mensagem de 30 de Maio de 1871, preparada por Marx, sobre a guerra civil em França. Satisfeita com as suas próprias conquistas, apadrinhada pela política do seu governo (mais inteligente sem dúvida que os outros governos europeus), a classe operária inglesa seguirá doravante o seu próprio caminho. Mas podemos perguntar-nos se os sucessos do movimento operário inglês, e a própria política dos dirigentes governativos em relação ao movimento operário, teriam sido possíveis sem os avultados lucros resultantes do colonialismo.

No continente, pelo contrário, o desenvolvimento das lutas operárias vai provocar profundas mudanças. Do mesmo modo que em França, no seio do proudhonismo, na Alemanha, no seio da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (A. G. T. A.) de Lassale, começa em 1868, sob a influência da A. I. T. e do *Das Kapital*, um processo de desagregação política e ideológica que levará à constituição do Partido Social-Democrata alemão no congresso de Eisenach, em 1869. A constituição deste primeiro partido operário independente ao nível nacional demonstra concretamente a incontestável crescente autonomia da classe operária e da sua ideologia em relação às outras classes e ideologias e em oposição às ideologias supostamente operárias que representavam objectivamente a política da classe dominante no seio do movimento operário. Era nomeadamente o caso na Alemanha da ideologia lassaliana, caracterizada pela sua posição de compromisso para com o bonapartismo germano-prussiano.

Este combate, travado pela vanguarda da classe operária alemã sobre o seu próprio terreno contra o bonapartismo da dinastia prussiana será prosseguido por K. Marx, nas suas duas mensagens de 23 de Julho e de 9 de Setembro de 1870, apresentadas perante o conselho geral londrino, sobre a guerra franco-alemã. Essas mensagens afirmam o carácter defensivo da guerra travada pela Alemanha. Com efeito, o bonapartismo, tal como se manifestava na França de Napoleão III, era o inimigo número um da classe operária de qualquer país. Marx toma portanto posição a favor duma classe e não a favor duma nacionalidade.

O primeiro partido operário fundado segundo os princípios da Primeira Internacional teve no entanto uma existência breve. Com efeito, depois de ter combatido a A. G. T. A. de Lassale, o partido social-democrata, dirigido por Liebknecht e Bebel, funde-se com aquela organização no congresso de Gotha, em 1875, para passar a formar o partido operário socialista alemão,

sobre a base dum programa que abandona de facto o socialismo científico³. Este facto não reduz, porém, o alcance histórico da fundação do partido social-democrata no congresso de Eisenach, no sentido de que ela prefigura, muito tempo antes da primeira concretização consequente — a saber: a constituição na Rússia do partido bolchevique —, por um lado a vitória do espírito de partido sobre o espírito de seita, por outro lado a criação duma organização operária independente, directamente orientada para a conquista e o exercício do poder político.

6. O historiador que não pensa a história como uma evolução linear e homogénea não considera os acontecimentos que se «opõem» a uma sucessão causal contínua como aberrações «prematuros» ou «retardadas», mas muito simplesmente como o lugar duma mudança qualitativa do processo histórico.

É o caso do congresso de Gotha, de 1875, que marca no continente europeu a entrada do movimento operário na vida nacional e parlamentar da social-democracia, via que será seguida até à guerra de 1914. Objectivamente, o movimento operário recua em relação aos princípios da Primeira Internacional, e no entanto, objectivamente, o movimento operário prossegue o seu desenvolvimento, não segundo um esquema prévio, mas determinado por uma situação concreta onde a classe capitalista dominante é (ainda), em relação às classes procedentes do antigo modo de produção, uma classe revolucionária⁴.

Entretanto, uma outra transformação determinante teve lugar no seio do movimento operário europeu com o revés em Paris da Comuna, entre o congresso de Eisenach e o congresso de Gotha. Discute-se hoje ainda sobre o papel desempenhado na Comuna pela Internacional, sabendo-se que este papel foi na época geralmente exagerado.

O facto de Marx e Engels terem desaconselhado os operários de Paris a pegarem em armas está de acordo com a tese segundo a qual houve da parte do conselho geral mais propriamente uma defesa posterior da Comuna que uma verdadeira contribuição da A. I. T. para o sucesso da insurreição. Com efeito, numa carta a Engels, datando de 6 de Setembro de 1870, Marx põe-o ao corrente das suas diligências junto do conselho federal de Paris com o objectivo «de lhe abrir os olhos sobre o verdadeiro estado das coisas», de lhe mostrar o «erro» de derrubar o governo provisório, de fundar a comuna; ele desautoriza deste modo French Branch, partidária da revolta, de falar em nome da Internacional.

Todos os internacionais parisienses, estiveram nas barricadas, mas o papel exercido pelos blanquistas foi politicamente mais importante. Entre os 90 membros da Comuna, somente 30 eram igualmente membros da A. I. T.

Finalmente, o papel desempenhado na Comuna pela A. I. T. foi talvez bem compreendido por Engels quando definiu a Comuna como «a filha espiritual da Internacional, se bem que esta não tenha sequer levantado um dedo para a planear». Nem, acrescentamos nós, para a defender, o que seria aliás difícil, pois que os homens da Comuna se encontravam isolados do exterior pelo exército alemão e pelas tropas de Versailles. Apesar de

³ Veja-se a este propósito a crítica do programa de Gotha, feita por Karl Marx.

⁴ Cfr. o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels.

Bebel ter defendido no Reichstag a causa da Comuna, o seu apelo não encontrou evidentemente nenhum eco favorável junto do governo de Bismark.

Mas se a Internacional não tinha planeado a Comuna, o revés da Comuna fez da Internacional o objecto da repressão dos governos europeus. O acordo dos poderes reaccionários, seguindo a iniciativa do governo de Thiers traduziu-se no continente, salvo na Suíça, por uma série de medidas policiais, políticas e administrativas contra a Internacional.

7. Foi, pois, sob o fogo da reacção que se reuniu em Setembro de 1871 a conferência de Londres da A. I. T.

Segundo uma proposta de Marx, esta só teria de tratar de questões de organização, que diziam respeito, antes do mais, aos poderes do conselho geral. A estrutura orgânica Internacional dependia com efeito da definição dos poderes do conselho geral.

Na mensagem inaugural da conferência, Marx afirmou a necessidade de «organizar politicamente o partido dos trabalhadores [...] unido pela associação e guiado pelo saber». Mas não esclareceu qual devia ser a forma dessa organização. Há no entanto uma palavra que sobressai no texto, a palavra *partido*. E uma leitura mais atenta fixaria também a ideia de *união* e a ideia de *guia*. Com efeito, Marx sempre quis atribuir um papel director ao conselho geral. No último congresso, que será também o da cisão dos bakouninistas e da expulsão de Bakounine, afirmou claramente «preferir abolir o conselho geral a vê-lo reduzido ao papel de caixa do correio».

O congresso da Haia, em 1872, foi o último congresso da A. I. T. porque a oposição entre as diferentes tendências — que durante quase 10 anos haviam surgido no seio da Internacional sobre questões diversas para serem, de cada vez, reduzidas mediante uma unidade provisória — tornou-se radical sobre a questão *da organização*.

Isso deve-se muito provavelmente à especificidade da questão da organização. Como pensa Lukacs, «a organização manifesta, no que diz respeito à divergência entre as tendências, uma sensibilidade muito maior, mais fina e mais infalível que qualquer outro domínio do pensamento e da acção política. Enquanto que na pura teoria as concepções e as tendências mais diversas podem coexistir em paz — não tomando as suas oposições senão a forma de discussões que podem ter lugar tranquilamente no quadro duma única organização sem a fazer necessariamente explodir —, as mesmas questões, quando se aplicam às questões de organização, apresentam-se como tendências rígidas que se excluem entre si».

Deixemos de lado o problema posto pela utilização de noções psico-sociológicas, tais como a «sensibilidade» duma organização, que são no geral mais alusivas que explicativas. Se ficarmos pelo que é afirmado sobre a questão da organização em oposição às questões ditas de pura teoria, perguntamo-nos se qualquer questão prática não implica uma questão de organização.

Ora, segundo a própria definição de Marx, «a história da Internacional foi uma luta contínua do conselho geral contra as seitas». Trata-se, portanto, de uma luta *entre duas concepções da organização do movimento operário* ou, se preferirmos, de uma luta sobre a *organização das lutas operárias*.

A Internacional sempre tinha discutido questões de organização. A única diferença residia agora no facto de se levantar a questão de outras

organizações, ou a questão da sua própria organização. Ora, os poderes do conselho geral tinham sido reforçados pelo congresso de Basileia. A questão da própria organização não tinha portanto, em si, nenhum poder de cisão. O facto de ela ser posta numa dada situação concreta é que, pelo contrário, demonstrava a existência de divisões entre os membros dessa organização.

Estas divisões eram o reflexo do agravamento das contradições entre os diferentes movimentos operários e, mais geralmente, das diferenças cada vez maiores entre as condições económicas e sociais dos diversos países.

Por outro lado, a queda da Comuna privara o movimento operário europeu do agente de coesão ideológica que tinha sido até essa data o movimento operário francês.

Foi portanto numa situação de crise que a A. I. T. pôs em questão a sua antiga organização. Podemos dizer que a crise da sua organização era o efeito da situação de crise do movimento operário.

8. Se fizermos a história da Primeira Internacional do ponto de vista da sua estrutura, constatamos que, independentemente do papel director do conselho geral mais ou menos efectivo desde a sua fundação, a Internacional foi durante os seus cinco primeiros anos «uma rede de sociedades afiliadas». Só na conferência de Londres, em 1871, se manifestou abertamente a ideia de transformar este conjunto de sociedades e agrupamentos heterogêneos *num partido internacional*.

E «foi na medida em que a Internacional não significava para um grande número de operários suíços, belgas, franceses, espanhóis, um partido, portanto um instrumento político para a conquista do poder, mas se identificava já com a organização social futura, que as questões respeitantes ao Estado, à acção política e às formas de organização do movimento se confundiram no pensamento dum grande número de internacionalistas»⁵.

O «bakouninismo» era portanto, na maior parte dos «bakouninistas», mais uma ideologia espontânea ligada à imaturidade do movimento operário que o efeito da acção das ideias de Bakounine. É por conseguinte errado identificar a cisão da Primeira Internacional com a disputa entre Marx e Bakounine. Porque a ideia de querela opõe entre si dois pensamentos, enquanto que o conflito ideológico entre Bakounine e Marx não era senão o efeito teórico da oposição duma parte mais atrasada do movimento operário a formas de luta mais avançadas de outra parte do movimento operário. Se tivermos em conta que a Internacional, em 1871, repousava afinal sobre as mesmas bases sociais, em parte pré-capitalistas, de 1864 (quando foi feita a unidade, «naïve», segundo a expressão de Engels, das diversas tendências que constituíram esta associação) e que a obra de propaganda duma dezena de anos não podia só por si criar essa consciência de classe que era necessária para que o programa teórico fosse adoptado (sobretudo as posições do blanquista. E. Vaillant sobre a acção política da classe operária e «a forma de organização comum, que a conferência de Londres queria impor às secções»⁶) a iniciativa da proposta adoptada pela conferência restrita de Londres é rejeitada pelos bakouninistas um ano depois no congresso da Haia, parece

⁵ Cfr. Miklos Molnar, *Le Déclin de la 1ère Internationale*, Cenebra, Droz, 1963.

⁶ *Id.*, *ibid.*

um erro tático (sobretudo da parte de Marx, que como sempre estava na origem da acção conduzida pelo conselho geral), pois que era quase certo que iria provocar a cisão.

9. No entanto, se analisarmos a linha de acção de Marx na A. I. T. — designadamente, a sua defesa do papel director do Conselho Geral, o seu apoio caloroso ao partido social-democrata alemão fundado no congresso d'Eisenach e as lições políticas que ele tira do revés da Comuna e das consequências que este teve no movimento operário europeu — a decisão de dar à Internacional uma linha política mais estrita e uma organização mais eficaz, não aparece mais como o erro dum teórico que desconhecia a situação concreta, mas pelo contrário como *uma decisão fundada teoricamente* de alguém que tinha consciência de que a divisão da A. I. T. (e eventualmente o seu fim) provinha duma necessidade interna...

A liquidação da unidade fictícia das diversas tendências da associação tinha-se tornado uma necessidade interna, a partir do momento em que a unidade fora da A. I. T., no movimento operário europeu, não existia mais. Como o afirma Hegel, «um partido prova a sua capacidade de vencer cindindo-se em dois e pelo facto de sobreviver a esta cisão».

Se é verdade que a A. I. T. não sobreviveu praticamente ao congresso de Haia, sendo a sua dissolução pronunciada em 19 de Julho de 1876 na conferência de Filadélfia, a sua tendência política e ideológica, ao contrário da da Internacional dissidente dos bakouninistas (que agrupava cinco federações: jurassiana, italiana, espanhola e duas «fantasmagóricas» federações americana e francesa), tornar-se-á no decurso do processo das lutas operárias a tendência que é ainda hoje dominante nos partidos comunistas no poder ou na oposição.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

1. FREYMOND, J., dir., *La Première Internationale*, 2 vols, Genebra, Droz, 1962.
2. LABROUSSE, E., dir., *La Ire Internationale. L'Institution, l'Implantation, le Rayonnement*, Paris, Ed. du C. N. R. S., 1969.
3. ROUGERIE, J., «Sur l'Histoire de la Première Internationale», in *Le Mouvement Social*, Paris, avril-juin, 1965.
4. «La Ire Internationale Ouvrière», n.º especial de *Cahiers de l'I. S. E. A.*, 152, (s. 8), Paris, août 1964.
5. KRIEGEL, A., «L'Association Internationale des Travailleurs (1864-1876)», in DROZ, J., dir., *Histoire Générale du Socialisme*, Tome 1, Paris, P. U. F., 1972.
6. MOLNAR, M., *Le Déclin de la Première Internationale*, Genebra, Droz, 1963.
7. COLLINS, H., and ABRAMSKY, Ch., *Karl Marx and the British Labour Movement. Years of the First International*, Londres, MacMillan, 1965.
8. MORGAN, R. P., *The German Social Democrats and the First International, 1864-1872*, Cambridge University Press, 1965.